

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: NARRATIVAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

Ana Maura Tavares dos Anjos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/UFRN

maurinhaanjos@hotmail.com

RESUMO:

A pesquisa teve como objetivo favorecer a práxis psicopedagógica no processo de formação de psicopedagogos através da realização do estágio supervisionado em psicopedagogia institucional. Este trabalho traz reflexões a partir de uma perspectiva teórico-metodológica, sobre a experiência de intervenção psicopedagógica no Estágio Institucional realizado em uma escola pública. Para discutir a temática nos ancoramos teoricamente nas contribuições de Fernandez (1990); Bossa (2005); Solé (2001). O estudo nasce da busca pela compreensão acerca da atuação profissional do psicopedagogo na área educacional, onde constantemente há relatos sobre dificuldades de aprendizagem dos alunos. A dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita deixa o educando por vezes impossibilitado de ter um desenvolvimento adequado ao ano/série na qual está cursando, dado o ritmo de aprendizagem diferenciado. Nesse sentido, em consonância com nosso objetivo, o desenvolvimento metodológico caracterizou-se como de natureza qualitativa do tipo descritiva de cunho etnográfico. Participaram da pesquisa, três alunas do curso de especialização *lato sensu*, na disciplina de ‘ação supervisionada em psicopedagogia institucional’ e nove crianças de 3º ano do ensino fundamental. O estudo revelou que os fatores socioculturais são agravantes como desencadeadores de dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, e, as intervenções psicopedagógicas no contexto escolar por sua vez, são elementos imprescindíveis para a superação das dificuldades de aprendizagem pela criança.

Palavras Chave: Psicopedagogia Institucional; Dificuldade de aprendizagem; Leitura e escrita; Escola.

1. INTRODUÇÃO

Na última década muitas discussões têm sido tecidas acerca da temática dificuldade de aprendizagem, talvez, este seja atualmente, um dos assuntos mais debatidos no contexto escolar. No entanto, é preciso aprimorar ainda mais as discussões até que se chegue literalmente a ações assertivas deste ‘problema’, aquilo denominado ‘fenômeno’ que tanto aflige a vida de educandos e educadores.

As causas que dificultam a aprendizagem dos alunos podem decorrer de vários fatores tais como: incapacidade intelectual, problemas familiares, questão social, estratégias pedagógicas inadequadas, falta de interesse entre outros. Nesse contexto existem os responsáveis diretos aqui representados pela figura dos professores, familiares, psicopedagogos, etc., que podem somar

esforços e atuarem na perspectiva de encontrar caminhos para promover aprendizagem a todos, e, há ainda, os responsáveis indiretos, dentre os quais mencionamos o contexto favorecedor da aprendizagem, ou seja, o meio onde a criança está inserida.

A relevância deste tema dá-se em virtude da compreensão dos seres humanos como indivíduos que nascem com capacidade e inteligência para aprender de forma lógica e racional, no entanto há alguns percalços no caminho que impedem do processo de aprendizagem da forma esperada. Isso é notório na convivência da escola onde os profissionais enfrentam sérias dificuldades em relação à aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva a presente pesquisa tem como objetivo subsidiar a práxis psicopedagógica através da realização do estágio supervisionado em psicopedagogia institucional na escola, atuando no enfrentamento de dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido o presente trabalho delineou-se tomando por base os estudos de vários autores, dentre eles, Fernández (1991) e Solé (2001), buscando fazer uma breve abordagem sobre o olhar na história da Psicopedagogia; a atuação do Psicopedagogo no espaço escolar; o psicopedagogo e sua intervenção nas dificuldades de aprendizagem; e, a Psicopedagogia como auxílio no atendimento as pessoas com dificuldades de aprendizagem.

O universo da pesquisa foi uma Escola Pública localizada no bairro Cidade Nova, no município de Choró-CE. As questões norteadoras desse estudo foram: Quais as causas das dificuldades da aprendizagem dos alunos? É possível percebê-las durante a experiência de estágio?

Nesse sentido utilizamos alguns instrumentos de coleta de dados como: entrevistas, observação e intervenção de elaboração de hipótese diagnóstica no estágio em psicopedagogia institucional.

2 A ATUAÇÃO DO PSICOPEAGOGO NO ESPAÇO NA ESCOLA: uma análise teórica

A inserção do Psicopedagogo dentro do espaço escolar sem dúvidas tem sido uma necessidade apresentada por aqueles que enfrentam o dia a dia da escola, sobretudo porque a escola compreende a funcionalidade dos serviços apresentados pela psicopedagogia.

O Psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos problemas no processo de aprender. O Psicopedagogo está capacitado a lidar com as dificuldades de aprendizagem, um dos fatores que leva à multirrepetência e à evasão escolar, conduzindo à marginalização social. Esse profissional detém um corpo de conhecimentos científicos oriundos da articulação de várias áreas aliado a uma prática clínica e/ou institucional que considera a multiplicidade de fatores que

interferem na aprendizagem. Poderão exercer a profissão do Psicopedagogo no Brasil os portadores de certificado de conclusão de curso de especialização em Psicopedagogia em nível de Pós-Graduação, expedido por escolas ou instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos de legislação pertinente.

(SCOZ e col.,1998 apud BOSSA, 2000)

Nesse contexto a psicopedagogia apresenta-se como complemento, para somar e estudar o processo de aprendizagem e as causas da inviabilidade desta, na vida dos alunos. Note-se que esta não aprendizagem pode ter causas decorrentes de vários fatores, por isso a escola sozinha não consegue encontrar respostas, em virtude de suas muitas responsabilidades. Tendo em vista que o psicopedagogo pode atuar, como já dito anteriormente de forma preventiva e terapêutica, em qualquer que seja sua incumbência de acordo com a realidade escolar, sua contribuição é benéfica e essencial à escola. Em outras palavras o fazer psicopedagógico é de extrema importância dado o seu auxílio no processo da aprendizagem.

Tomando como base os estudos de Bossa (2000) a presença de um psicopedagogo no contexto escolar é essencial, ou seja, ele tem muito que fazer na escola. A sua intervenção inclui:

Orientar os pais; auxiliar os educadores e conseqüentemente à toda comunidade aprendente; buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade); colaborar no desenvolvimento de projetos (Oficinas psicopedagógicas); acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino; promover encontros socializadores entre corpo docente, discente, coordenadores, corpo administrativo e de apoio e dirigentes. (BOSSA, 2005, p.69).

Entende-se, portanto a complexidade da atuação do psicopedagogo, que permeia desde ações com a família e intercrucza os segmentos internos e externos da escola. Outro diferencial tratado na citação supracitada que pode ser percebido com a presença do psicopedagogo é que a este compete perceber e entender situações perturbadoras ou conflitantes que acabam influenciando no processo de aprendizagem. Ressalte-se ainda a sua contribuição no que diz respeito a sua participação direta na dinâmica do processo educativo, favorece a integração e socialização de orientações metodológicas de acordo com as características, necessidade e particularidades dos alunos.

Nessa perspectiva ele procura trabalhar ombreado com todos os segmentos da escola, abrindo caminhos e apontando direções para que a escola possa ampliar o olhar em torno do aluno e dos reais motivos que o impedem de aprender.

Quando acontece de fato esta parceria é possível ajudar o aluno (razão da existência da escola e de todos os seus colaboradores), a superar os obstáculos que contribuem para impedir o desenvolvimento pleno destes. Salienta-se ainda de acordo com Bossa (1994) que:

O psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem. (BOSSA, 1994, p. 23).

O que se pode entender é que o papel do Psicopedagogo se insere também e, sobretudo no planejamento escolar, onde este leva a reflexão sobre as ações pedagógicas e suas interferências no processo de aprendizagem do aluno.

Mediante as atribuições do psicopedagogo pode-se dizer que este é extremamente importante na instituição escolar, tendo em vista sua capacidade de estimular as relações interpessoais, a construção de vínculos, e ainda a utilização de metodologias de avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem dos clientes.

[...] A psicopedagogia além de dominar a patologia e a etiologia dos problemas de aprendizagem, aprofundou conhecimentos que lhe possibilitam uma contribuição efetiva não só relacionada aos problemas de aprendizagem, mas, também, na melhoria da qualidade do ensino oferecido nas escolas. [...]. Dessa forma contribui para a percepção global do fato educativo e para a compreensão satisfatória dos objetivos da educação e da finalidade da escola, possibilitando, assim, uma ação transformadora (SCOZ, 2002, p. 34)

Há atualmente uma política educacional paradigmática, cujo nascedouro oficial remonta a década de 1990, voltada para “Todos na Educação”. Porém além da garantia do acesso da criança á escola, o País adentra em uma cultura da garantia da permanência e da aprendizagem do aluno, cuja proposta é pertinente, no entanto desafiadora, na perspectiva de que além de ter acesso deve-se primar também pela qualidade.

O desafio de uma educação de qualidade não é ensinar a quem consegue expressar condições e terra fértil para aprender, o grande cerne da questão é superar e promover aprendizagem aos que apresentam dificuldades. Para isso é preciso entender e saber lidar com as necessidades de cada um, para intervir pedagogicamente e modificar o quadro da falta de aprendizagem tão comum no ambiente escolar. Solé (2001) define a intervenção psicopedagógica como:

O conjunto articulado e coerente de tarefas e ações levadas a cabo pelos psicopedagogos, em colaboração com os diferentes sistemas e agentes da escola, ações que tendem a promover um ensino diversificado e de qualidade, dando atendimento aos diferentes usuários. Tais ações podem situar-se em diferentes planos relacionados entre si: o organizacional, o curricular, nos seus diversos níveis

de concretização, o de coesão institucional e o de vinculação de instituição com seu ambiente. (SOLÉ, 2001, p.26)

Nesse contexto, segundo Solé (2001), entende-se que a intervenção psicopedagógica é um recurso especializado a serviço da escola na promoção da aprendizagem dos alunos e que soma-se ao esforço dos vários segmentos da rede escolar, com a participação direta do psicopedagogo, como afirma Porto (2007):

O desenvolvimento da intervenção psicopedagógica precisa, necessariamente, privilegiar a autoria do próprio grupo de educadores e pessoas envolvidas no que diz respeito à elaboração e a criação de novas estratégias no espaço de aprendizagem. A ação do “psicopedagogo na instituição é, sobretudo, coletiva.” (PORTO, 2007, p.118)

Assim, intervir pedagogicamente é ter um olhar mais acentuado para as várias causas que intervêm na aprendizagem. Nesse sentido o profissional com formação em Psicopedagogia reúne conhecimentos amplos que perpassam aspectos pedagógicos, psicológicos, neurológicos, sociológicos, psicanalíticos e biológicos, facilitando assim compreender melhor o processo de aprendizagem ou a falta desta.

A intervenção psicopedagógica possibilita a superação de dificuldade de aprendizagem dos educandos, uma vez que apresentam alternativas e estratégias pedagógicas diferenciadas que estimulam o prazer em aprender, entendo que essa dimensão afetiva é a condição primeira para efetivar o processo de aprendizagem para todos de forma quantitativa. Segundo Macedo apud Bossa (2005):

As atividades do psicopedagogo são: orientação de estudos (organizar a vida escolar da criança quando esta não sabe fazê-lo espontaneamente); apropriação dos conteúdos escolares (propiciar o domínio de disciplinas escolares em que a criança não vem tendo um bom aproveitamento); desenvolvimento do raciocínio (trabalho realizado com o processo de pensamento necessário ao ato de aprender); atendimento de crianças (atender deficientes mentais, autistas ou com comprometimentos orgânicos mais graves). (MACEDO apud BOSSA, 2005 p. 31):

Com o quadro de responsabilidades acima apresentado do fazer do Psicopedagogo, é possível vislumbrar o quanto este pode contribuir para superar as dificuldades apresentadas pelos educandos, pois sua função é focalizar o sujeito na sua relação com a aprendizagem, como bem mencionou Rubinstein, (2001):

A intervenção psicopedagógica focaliza o sujeito na sua relação com a aprendizagem. A meta do psicopedagogo é ajudar aquele que, por diferentes razões, não consegue aprender formal ou informalmente, para que consiga não apenas interessar-se por aprender, mas adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para tanto [...]. (RUBINSTEIN, 2001, p. 25).

Por fim defender a necessidade da existência de psicopedagogos dentro das escolas, para auxiliar no trabalho do pedagogo, é dizer sim a proposta de uma intervenção pedagógica que contribua para a prática dos professores e para a efetivação da aprendizagem pelas crianças.

As intervenções de ordem psicopedagógica são inúmeras, vão desde o atendimento aos alunos quando precisam, à orientação aos professores e o acompanhamento familiar. O envolvimento destas partes se dá em função de que muitos fatores podem atrapalhar uma criança na escola, e que algumas vezes passam despercebido professor.

Dentro da escola, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas em suas disciplinas. O atendimento interventivo do psicopedagogo junto ao professor é positivo, muitas muralhas podem ser entendidas e quebradas quando se passa a analisar criticamente os casos de forma pormenorizada.

“Nesse trabalho preventivo junto à escola, deve-se levar em consideração, inicialmente, quem são os protagonistas dessa história: professor e aluno. Todavia, estes não estão sozinhos: participam, também, a família e outros membros da comunidade que interferem no processo de aprendizagem – aqueles que decidem sobre as necessidades e prioridades escolares.” (BOSSA, 2005, p.90).

Ressalte-se ainda que este atendimento do psicopedagogo voltado para a família seja em sessões individuais de entrevista e orientações, bem como momentos coletivos de troca de informações e formação permanente que contribua para esclarecer o desenvolvimento dos seus filhos, buscando estratégias e apoio necessário para cada criança com dificuldade. Alves (2003) faz uma metáfora que ilustra bem essa questão da necessidade do trabalho coletivo, vejamos:

Sabe quando você tem duas taças de cristal? Elas estão em silêncio. Ai a gente bate uma na outra e elas reverberam sonoramente. Uma taça influencia a outra. Uma taça faz a outra emitir um som que vivia silencioso no seu cristal. Assim é a educação, um toque para provocar o outro a fazer soar a música. (ALVES, 2003, p. 36).

Nesse contexto é preciso que todos se unam por um fim comum, intervir de acordo com seu papel para transformar as dificuldades em possibilidades. O aluno não é a dificuldade de aprendizagem ele poderá está com necessidade de aprendizagem que se for bem trabalhado pode-se superar os déficits apresentados. Segundo Fernandes (1990):

[...] intervenção psicopedagógica não se dirige ao sintoma, mas o poder para mobilizar a modalidade de aprendizagem, o sintoma cristaliza a modalidade de aprendizagem em um determinado momento, e é a partir daí que vai transformando o processo ensino aprendizagem. (FERNANDES, 1990 p. 117).

O psicopedagogo, portanto, dentro dessa realidade é capaz de compreender as necessidades de aprendizagem de determinado aluno ao tempo que abre espaço para que a escola possa contribuir numa ação coletiva, atuando os dois como ferramentas eficazes para o processo da aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na disciplina denominada ‘Ação Supervisionada em Psicopedagogia Institucional’ do curso de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional de uma Instituição de Ensino Superior – IES, privada. O estudo caracterizou-se como de natureza qualitativa do tipo descritiva de cunho etnográfico, buscou compreender e interpretar determinados comportamentos em relação as dificuldades de leitura e escrita dos alunos do universo pesquisado. Para isso utilizou-se de entrevista semiestruturada e realização de três encontros com 09 (nove), com idade entre 8 e nove anos, alunos de duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, escolhidos por indicação do diretor tendo em vista que as mesmas apresentaram dificuldades de aprendizagem em uma Escola Pública.

Partimos da premissa que o estágio é um momento crucial para a formação do indivíduo formador de demais indivíduos pressupõe reflexão na e sobre a própria ação, neste sentido faz necessário compreender que:

O estágio não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão (LIMA, 2001. p. 16).

Através das atividades de estágio o acadêmico deverá fazer uso de instrumentos de análise científica que lhe permita adquirir uma visão mais ampla e aprofundada acerca do objeto de estudo, a prática pedagógica, e ir além da aparente realidade educacional tendo em vista que não obstante em nossa experiência docente nos deparamos com alguns jargões como, por exemplo: “na prática a teoria é outra”, advindos de licenciandos.

4. ANÁLISE E RESULTADOS

A realidade apontou que ao final do 3º ano do ensino fundamental algumas crianças ainda não conseguiram se alfabetizar, o que despertou na equipe de estagiárias alguns questionamentos, dentre eles: Quais os fatores que influenciam no aparecimento das dificuldades de aprendizagem?

A entrevista com a diretora da Escola, revelou que a Escola possui Projeto Político Pedagógico, construído coletivamente. O documento alerta para a necessidade do docente observar as necessidades dos alunos no intuito de propor soluções para os problemas da rotina escolar. “O Projeto político pedagógico foi construído coletivamente, observando as necessidades do aluno no intuito de propor soluções para os problemas da rotina escolar”. (Diretora da escola)

Quanto a concepção de aprendizagem, foi possível perceber a escola expressa uma intencionalidade de educação como direito inalienável que respeita a diversidade, porém, fica evidente partir da fala da diretora que se faz necessário o estabelecimento de metas e estratégias que possam materializar o que está expresso que sua narrativa.

A fala da diretora revela uma preocupação com a integração entre a escola e a família, duas instâncias com funções diferentes e complementares. Porém não é possível perceber que estratégias a escola desenvolve para facilitar tal processo integrativo.

“escola tem a função social de acolher a todos diversidade e assim favorecer a investigação que seja em parceria para construir um saber eclético ...A meta que a escola precisa atingir é alfabetizar 100% das crianças até o 2º ano e melhorar o relacionamento família-escola. Sem essa parceria fica muito difícil realizar um grande trabalho... A principal meta da escola é conseguir que a família participe ativamente do processo de aprendizagem dos filhos, pois sem a família fica difícil garantir um trabalho de excelência. Atualmente há muitas crianças desatentas que já passaram muitos anos frequentando a escola e pouco aprenderam.

Diretora da escola.

Embora a diretora ressalte que a escola desenvolve estratégias de intervenção para atendimento as crianças com dificuldade de aprendizagem, há em sua fala uma expressão de conhecimento acerca da realidade da não aprendizagem de alguns alunos que frequentam a escola e assim, não adquiriram as competências e habilidades básicas no ciclo de alfabetização, mesmo frequentando as aulas. É relevante ainda mencionarmos que a interação da escola com a família é indiscutivelmente necessária, mas tão importante quanto essa parceria é pensarmos nas atribuições

que são incumbência da escola para que não saímos proferindo um discurso que protege a escola por não ter atingido suas metas e culpabiliza a família quando uma criança não aprende.

É relevante registrar que a diretora dá ênfase a prática pedagógica da professora como estratégia para superação das dificuldades pelas crianças e ressalta a existência do programa Luz do Saber que é um software de alfabetização desenvolvido pelo Governo do Estado do Ceará e executado em regime de colaboração com municípios nas escolas públicas, conforme o recorte que segue: *Ações que visam corrigir estes problemas é uma prática pedagógica diversificada e dinâmica. A escola aplica o Programa Luz do Saber, para os alunos com dificuldades de aprendizagem.* (Diretora da escola)

Embora a referida ação seja de grande importância, destacamos a ausência, fala da diretora, de um atendimento profissional psicopedagogo que realize as estratégias interventivas para a superação das dificuldades de aprendizagem.

3.1 A EXPERIENCIA DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM AS CRIANÇAS

A intervenção psicopedagógica no estágio em psicopedagogia institucional foi realizada três sessões denominadas de ‘encontros’ com grupo de 09 crianças e três estagiárias. O trabalho teve início com o estabelecimento dos vínculos através de roda de conversa e dinâmica de apresentação, sem seguida o grupo passou para a etapa de construção da avaliação psicopedagógica com vistas a elaboração do quadro de hipóteses diagnósticas: Foi aplicado o Teste das 04 palavras e uma frase, onde

“entregamos uma folha em branco e solicitamos que escrevessem as palavras que iríamos ditar, as quais foram: boi, porco, camelo e elefante e a frase: o boi come capim. Logo após realizamos uma roda de leitura, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura. Para isso expomos livros nas mesas e orientamos para que lessem. Após esse momento foi realizada uma atividade da escrita dos nomes próprios e cada um fez a leitura. Para finalizar realizamos em dupla um bingo dos sons iniciais, entregando uma cartela a cada dupla”.

(Relato de diário de campo de uma das estagiárias).

Através da realização dessas intervenções pode-se perceber a boa interação das crianças, o envolvimento e o prazer nas realizações das atividades, porém, foi notória a fragilidade na autoestima e a identificação negativa das crianças com o processo de construção do conhecimento.

A segunda sessão, denominada de segundo encontro teve como foco a leitura, para isso foi proposta uma roda de leitura, sendo primeiro feita uma leitura silenciosa e depois individual. Em seguida, foi realizada uma atividade de produção de texto a partir da gravura dos três porquinhos. Durante a produção a equipe estagiárias acompanhou as atividades junto aos alunos, orientando quando necessário, caso alguma criança solicitasse. Após o término da atividade houve a socialização e conversa sobre a experiência.

Com o objetivo de identificar as habilidades e competências das crianças sobre a leitura, foi proposto um jogo lúdico: bingo da letra inicial. Foi entregue o nome da ficha com a letra sorteada onde o aluno coloca na célula correspondente à palavra. Por fim foi realizado um ditado com gravuras, com a finalidade de fechamento do processo de intervenção leitura/escrita. Através dessas ações foi possível observar que as crianças estavam mais atenciosas e participativa na leitura e nas atividades realizadas.

No terceiro e último encontro a leitura foi estimulada através da música a Casa Engraçada de Vinícius de Moraes, onde eles leram em grupo e depois foi entregue folha com uma atividade para escrita de palavras que rimam. Após a atividade foi realizado um jogo denominado batalha de palavras, onde os alunos observavam que as palavras são formadas por segmentação sonora, com vistas ao desenvolvimento da consciência fonológica – RIMA.

Ao término do 3º encontro fizemos a atividade denominada ‘escrevendo do seu jeito’, seguida da aplicação do teste de 04 palavras e uma frase para visualização de possíveis alterações progressivas na aquisição de competências linguísticas, o grupo de estagiárias realizou o desligamento do campo de investigação com as crianças e com a diretora da escola mediante as orientações recebidas nas supervisões de estágio.

A intervenção com as crianças possibilitou a construção de quadro com hipóteses diagnósticas que apontam: baixa autoestima, desmotivação, falta de estímulo em casa, grande número de alunos em sala de aula, o que dificultam a atenção individual dada pelo professor, e, que as crianças com dificuldades de aprendizagem necessitam, como fatores que causaram a condição de dificuldade apresentada pelas crianças.

4. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A Ação Supervisionada é um momento de suma importância de análise metodológica e conhecimento do campo para a construção da identidade do psicopedagogo. Ela é a base para a práxis dialógica entre teoria e prática, na formação do profissional para conhecer as dificuldades de

aprendizagem que se apresentam nas salas de aulas bem como a dinâmica entre o professor e o aluno, no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos assim, a necessidade de assumir uma postura investigativa para corresponder às propostas do estágio em relação às experiências de formação do psicopedagogo. As observações realizadas inicialmente foram o pontapé inicial para conhecer o cotidiano e o clima da instituição escolar, o que contribuiu para um planejamento rico na busca de colaborar com a aprendizagem das crianças.

O estudo revelou que a dificuldade de aprendizagem é um fenômeno presente na escola e que apesar das ações pedagógicas empreendidas, é necessário repensar e redefinir os caminhos tendo em vista que algumas crianças continuam a margem da aprendizagem, nesse sentido, ressaltamos que a ação do profissional psicopedagogo se configura como uma possibilidade efetiva para a intervenção que possa garantir a aprendizagem das crianças e formação continuada de professores e das famílias.

A guisa de sintetização das discussões destacamos que esta experiência interdisciplinar possibilitou as estagiárias a apropriação dos estudos desenvolvidos em outras disciplinas curriculares; a atuação articulada entre teoria e prática; o estabelecimento do pensamento reflexivo, bem como o desenvolvimento das habilidades de pesquisar no exercício da atuação psicopedagógica.

Nesse percurso apontamos como principais desafios, o estabelecimento de posturas permanentes de estímulo ao desenvolvimento da reflexividade através da relação entre ensino e pesquisa, dada a grande dificuldade das estagiárias em trilharem os caminhos da investigação. Pensar o estágio como pesquisa é possibilitar a relação entre os saberes teóricos e os saberes da prática do profissional psicopedagogo.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **A. A Psicopedagogia no Brasil – Contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª edição. 2005

_____. **Fracasso escolar – um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002

FERNANDES, Alícia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1990.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2 ed. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2007.

LIMA, Maria Socorro Lucena. *A hora da prática*: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. – 2. ed. rev. aum. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. 1 ed. São Paulo: Casa da Editora, 2001.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Orientação Educacional e Intervenção Pedagógica** . Editora Artemed. 2001